

A representação e a crítica da comunidade imaginada em *A Viagem do Elefante* de José Saramago

Bachelor eindwerkstuk

T.G. Schilperoort

Número de estudante: 3695956 (Utrecht) / s0729590 (Leiden)

Portugese Taal & Cultuur – Universiteit Utrecht

Begeleider: S.L.A. Brandellero – Universiteit Leiden

27 de junho de 2014



Universiteit Utrecht



**Universiteit
Leiden**

VERKLARING: INTELLECTUEEL EIGENDOM

De Universiteit Utrecht definieert het verschijnsel "plagiaat" als volgt:

Van plagiaat is sprake bij het in een scriptie of ander werkstuk gegevens of tekstgedeelten van anderen overnemen zonder bronvermelding. Onder plagiaat valt onder meer:

- het knippen en plakken van tekst van digitale bronnen zoals encyclopedieën of digitale tijdschriften zonder aanhalingstekens en verwijzing;
- het knippen en plakken van teksten van het internet zonder aanhalingstekens en verwijzing;
- het overnemen van gedrukt materiaal zoals boeken, tijdschriften of encyclopedieën zonder aanhalingstekens of verwijzing;
- het opnemen van een vertaling van bovengenoemde teksten zonder aanhalingstekens en verwijzing;
- het parafraseren van bovengenoemde teksten zonder verwijzing. Een parafraze mag nooit bestaan uit louter vervangen van enkele woorden door synoniemen;
- het overnemen van beeld-, geluids- of testmateriaal van anderen zonder verwijzing en zodoende laten doorgaan voor eigen werk;
- het overnemen van werk van andere studenten en dit laten doorgaan voor eigen werk. Indien dit gebeurt met toestemming van de andere student is de laatste medeplichtig aan plagiaat;
- ook wanneer in een gezamenlijk werkstuk door een van de auteurs plagiaat wordt gepleegd, zijn de andere auteurs medeplichtig aan plagiaat, indien zij hadden kunnen of moeten weten dat de ander plagiaat pleegde;
- het indienen van werkstukken die verworven zijn van een commerciële instelling (zoals een internetsite met uittreksels of papers) of die tegen betaling door iemand anders zijn geschreven.
- Het zonder uitdrukkelijke toestemming van de docent indienen van essays of werkstukken die al in een andere cursus zijn gebruikt.
- Eerder eigen werk gebruiken als basis voor een nieuw werkstuk zonder naar het oorspronkelijke werk te verwijzen.

Ik heb de bovenstaande definitie van het verschijnsel "plagiaat" zorgvuldig gelezen, en verklaar hierbij dat ik mij in het aangehechte ~~master scriptie~~/bacheloreindwerkstuk niet schuldig heb gemaakt aan plagiaat.

Naam: T.G. Schilperoort

Studentnummer: 3695956

Plaats: Zoetermeer

Datum: 27/06/2014

Handtekening: 

Abstract

This essay discusses the relationship between the representation and the criticism of the nation in the novel *A Viagem do Elefante* (2008) written by the Portuguese and Nobel prize winning author, José Saramago. The representation of the nation is analyzed as an imagined community, based on the theory by Benedict Anderson, who states that the nation is a social and cultural construction. Three main themes of the novel (the authority of the monarchy, religion and language) are analyzed as elements of representation of the nation as an imagined community, which also passes criticism on the idea of this imagined community. Saramago uses irony to subvert the idea of a nation and it will be argued that this subversion is a critique on the nation as an imagined community.

Resumo

O presente trabalho discute a relação entre a representação e a crítica à nação no romance *A Viagem do Elefante* (2008) do autor português e ganhador do Prémio Nobel da Literatura, José Saramago. A representação da nação será analisada como uma comunidade imaginada, baseando na teoria de Benedict Anderson, quem sugere que a nação é uma construção cultural e social. Há três temas do romance (a autoridade da monarquia, a religião e a língua) que serão analisados como elementos essenciais para a representação da nação como uma comunidade imaginada, os quais também criticam esta ideia de uma comunidade imaginada. Saramago usa a ironia para subverter esta ideia de uma nação e, este trabalho, sugere que esta subversão é uma crítica à nação como uma comunidade imaginada.

Índice

<i>Introdução</i>	5
1. <i>O papel do poder na representação e na crítica da comunidade imaginada</i>	15
2. <i>A função da língua na representação e na crítica da comunidade imaginada</i>	21
3. <i>A religião como o fundamento da comunidade imaginada</i>	25
<i>Conclusão</i>	29
<i>Bibliografia</i>	32

Introdução

O presente trabalho dedica-se à representação da nação no romance *A Viagem do Elefante* (2008) do escritor português, José Saramago (Novembro 1922 – Junho 2010). Este premiado escritor ganhou, entre outros, o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores (1992), o Prémio Camões (1995) e em 1998 ele foi laureado com o Nobel de Literatura.

O romance aqui analisado tem uma trama ambientada em meados do século XVI, durante o reinado de Dom João III de Portugal e dos Algarves (1521-1557). Ele foi o sucessor de Dom Manuel I e o herdeiro da descoberta do caminho marítimo para a Índia (que foi feito sob o comando de Vasco da Gama em 1499), que iniciou a expansão e o comércio global e naval de Portugal. No prefácio do romance, Saramago explica que a ideia do romance surgiu num restaurante em Salzburgo. Lá, ele viu algumas esculturas pequenas de vários edifícios e monumentos europeus. Foi-lhe explicado que estas esculturas representam a viagem de um elefante que foi levado de Lisboa a Viena. O romance *A Viagem do Elefante* trata desta viagem.

Dom João III, e a sua esposa, D. Catarina de Áustria, ofereceram um presente de casamento ao arquiduque Maximiliano da Áustria. Este presente era o elefante, Salomão, que foi de Índia e ficou em Belém. Mas o arquiduque permaneceu em Espanha e por isso uma caravana portuguesa teve de trazer o elefante para Castelo Rodrigo. O animal ainda não era muito útil para o rei, mas desta maneira o elefante podia mostrar a riqueza e grandeza da expansão portuguesa. A caravana consistia de várias pessoas e animais, entre outros, o cornaca do Salomão, Subhro, que também foi de Índia, os bois para levar a comida e a água e um comandante militar que conduzia a caravana. Em Espanha, a caravana portuguesa entregou o elefante ao arquiduque, depois de que o arquiduque e a sua caravana austríaca continuaram a viagem para a Áustria. Depois uma viagem longa, cansativa e cheia de obstáculos e de questões de poder, a caravana com o Salomão chegaram a Viena.

A tese deste trabalho é, a nação, no referente romance, está representada como uma comunidade imaginada (segundo a teoria de Benedict Anderson) que, ao mesmo momento, é criticada por meio da ironia. Na sua obra *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (que foi publicada pela primeira vez em 1983), Anderson apresentava a teoria que uma nação é uma construção social e cultural qual se baseia numa

forma da fraternidade. Segundo ele, ideias sobre uma nação e uma identidade nacional são produtos culturais de uma comunidade (4). O romance tem uma trama ambientada durante o reinado de Dom João III, um tempo em que os conceitos como a nação e a identidade nacional talvez não existam, ou, nem sequer, se iniciem, porque, segundo Anderson, a ideia do nacionalismo é muito jovem e tem origem no Iluminismo (7). Esta contradição, em *A Viagem do Elefante*, sugere uma crítica a ideia de uma nação e evoca a ironia, a qual está relacionada a interpretação da História e da verdade, os quais são temas retornados nos romances de Saramago.

Há três temas proeminentes no romance que referem à nação como uma comunidade imaginada. Estes são o poder, ou, a autoridade, da monarquia, a religião e a língua. Neste trabalho, defende-se a tese, que a nação está representada como uma comunidade imaginada, na base destes três temas, e como esta representação da nação também sugere uma crítica a ela.

O quadro teórico

A nação como uma comunidade imaginada

Neste trabalho trata-se da nação como uma comunidade imaginada segundo a teoria de Anderson. De acordo com ele, a nação é uma comunidade política, que não é só imaginada mas também limitada e soberana (Anderson, 6). A comunidade é imaginada “(...) because the members of even the smallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the minds of each lives the image of their communion.” (Anderson 6). Portanto, não é possível conhecer todo o mundo numa comunidade, mas sabendo que há mais participantes na sua comunidade é suficiente para se sentir uma forma de fraternidade.

A comunidade imaginada também é limitada, porque todas as nações têm fronteiras. Estas fronteiras podem ser físicas, como rios ou muros, mas também há fronteiras culturais, como a língua e a religião. Não há uma nação que é igual ao mundo. Uma comunidade imaginada, como uma nação, funda-se sempre na relação entre ‘nós’ e o ‘outro’ (*us-them relationship*). “(...) [N]ationalism invariably operates by putting up barriers to distinguish between the national group and the foreign (...).” (Rothwell 15). Expressa-se esta *us-them relationship*, entre outros, na língua. Por exemplo, a diferença entre o espanhol e o português

mostra uma fronteira entre o que é visto como a comunidade (ou a nação) portuguesa ou como a comunidade espanhola.

Segundo Anderson a comunidade imaginada tem fronteiras fixas, que são, ao mesmo tempo, muito flexíveis, “elásticas”. Esta elasticidade não só existe no facto que uma nação podia incorporar outros territórios, mas representa-se também na acessibilidade da língua. “Seen as (...) a community imagined through language, the nation presents itself as simultaneously open and closed.” (Anderson 146). Anderson sugere que uma pessoa está capaz de aprender a língua de uma outra nação, mas nunca pode penetrar uma língua, e com isto a sua cultura, no seu inteiro. “What limits one’s access to other languages is not their imperviousness but one’s own mortality. Hence a certain privacy to all languages.” (Anderson 148). Por isso, a limitação de uma comunidade imaginada. Uma nação está aberta, de mesmo como uma língua, mas adquirir o sentido de pertencer à nação ou a uma comunidade imaginada é mais difícil.

Uma comunidade imaginada é soberana porque, de acordo com Anderson, os conceitos como nacionalismo nasceram no tempo do iluminismo, quando “the legitimacy of the divinely-ordained, hierarchical dynastic realm” foi destruído (Anderson 7). Neste período, as sociedades libertaram-se do poder das comunidades religiosas e da hierarquia das dinastias. A diminuição do poder das comunidades religiosas causava uma mudança na língua. O Latim foi menos usado nas administrações das sociedades, resultando numa ascensão dos vernáculos. Esta ascensão também contribui à ascensão de uma identidade nacional.

O produto cultural de *nation-ness*, precisa outros produtos culturais para criar a comunidade imaginada, entre outros, a língua e a religião. Estas serão analisadas neste trabalho, como aspectos culturais que contribuem ao nascimento da identidade nacional e ao sentimento de pertencer a esta comunidade imaginada. Porque o *nation-ness* também é determinado por factores políticos, a o poder da monarquia será o outro tema de *A Viagem do Elefante* que é analisado aqui.

A ironia: uma arte ambígua

A ironia é uma figura retórica que, no referente romance, está relacionada ao aspecto crítico da comunidade imaginada. Helga Kotthof observa que “[...] irony is often dealt with as a form of critique or exposure [...]”. Por causa do aspecto crítico da ironia, pode-se pôr a ironia num contexto pós-moderno. Segundo Linda Hutcheon: “[...] the postmodern is not ahistorical

or dehistoricized, though it does question our (perhaps unacknowledged) assumptions about what constitutes historical knowledge.” (1988, xii). Portanto, a crítica está expressa por meio da ironia, a qual questiona, ou melhor subverte, a História. Na arte pós-moderna não há uma única verdade. Conforme Philip Rothwell salienta: “[...] postmodernism recognizes no boundary and rejects the primacy of binary demarcations.” (15). Ao contrário, uma nação é definida pelas fronteiras e, por isso, o pós-modernismo pode ser vista como uma crítica à ideia de uma nação. Além disso, pode-se ler a metaficção historiográfica como uma forma da ironia. Hutcheon define a metaficção historiográfica como:

[...] novels which are both intensely self-reflexive and yet paradoxically also lay claim to historical events and personages [...]. [H]istoriographic metafiction [...] always works *within* conventions in order to subvert them.

(Hutcheon 1988, 5)

Na metaficção historiográfica, e em vários romances de Saramago, novas representações são dadas para que os leitores as interpretem como novas perspectivas da História ou da verdade. A metaficção historiográfica usa os relatos oficiais, a História reconhecida (“works within conventions” (Hutcheon 1988, 5)), para subverter e expor estas verdades imaginadas. Por isso, trata-se da metaficção historiográfica como uma forma da ironia, ambas tentam expor e subverter a verosimilhança do que é dito (no caso da metaficção historiográfica, da História). Este tratamento da História é característica do pós-modernismo, em que a problematização e uma revisão crítica da História são temas retornados.

Mas na ironia, o dito tem de ser interpretado, há sempre uma significação subjacente. Como D.C. Muecke explica: “[...] the art of irony is the art of saying something without really saying it.” (5). O leitor tem de descobrir, interpretar, o que alguém quer dizer. Também Hutcheon observa esta ambiguidade da ironia:

From the point of view of the *interpreter*, irony is an interpretive and intentional move: it is the making or inferring of **meaning** in addition to and different from what is stated [...]. The move is usually triggered (and then directed) by conflictual textual or contextual evidence or by markers which are socially agreed upon.¹

(Hutcheon 1994, 11)

¹ Sublinhado, em bold e em itálico, da autora.

A significação subjacente está relacionada com o dito e, por isso, tanto o dito como o subtexto (a significação intencional) fazem parte da ironia. A relação entre a ironia e a interpretação é o foco do estudo *Irony's Edge* (1994) de Hutcheon e segundo ela, a ironia é um processo cultural no qual os contextos sociais e políticos são essenciais para a interpretação (89). Maria Odete de Santos Jubilado diz que a interpretação implica uma tarefa a parte do leitor (o intérprete): “[...] a tarefa do leitor deve conduzir a uma deslocação interpretativa, a uma leitura das obras num contexto alargado, cultural, social e político.” (84). Por isso, há muitos factores que tem um papel na construção e interpretação da ironia, como o autor, o leitor e os contextos discursivos.

Mas a ironia nunca acontece inadvertidamente, é uma figura retórica “[...] marcada pela cumplicidade entre o ironista e o intérprete.” (Jubilado 86). Jubilado observa que: “[a] cumplicidade que o narrador estabelece com o leitor implica de certo modo um leitor conhecedor de toda uma série de códigos culturais [...]” (94). O narrador considera que os seus leitores sabem o que ele tem em vista, ou, que eles têm o certo *background* para descobrir o seu intento. Por causa das “markers which are socially agreed upon” (Hutcheon 1994, 11) tanto o ironista como o intérprete sabe quando há um discurso irónico. Mostando, de novo, a importância dos contextos sociais e políticos na interpretação da ironia.

Em sumo, a ironia é uma arte ambígua porque tanto o dito como a significação subjacente são partes da ironia. Num contexto pós-moderno e por causa do seu carácter subversivo, a metaficção historiográfica é vista como uma forma da ironia. A interpretação tem um papel essencial na ironia e supõe um certo *background* e uma cumplicidade do leitor. A representação do passado é importante para a construção de um sentido de pertencer a uma comunidade imaginada. Portanto, a ironia, da qual uma forma é a metaficção historiográfica, está a subverter a ideia que há uma única representação da nação, desta maneira criticando a nação como uma comunidade imaginada.

Uma introdução no estilo saramaguiano

A História segundo José Saramago

A Fundação Nobel descreveu Saramago como alguém que com “parables sustained by imagination, compassion and irony continually enables us once again to apprehend an elusory

[sic] reality”². De acordo com Saramago, a verosimilhança das representações dos acontecimentos do passado é discutível. A História que foi escrito pelos historiadores é só uma perspectiva sobre o passado, muitas vezes a perspectiva das pessoas no poder, conforme salienta José Ornelas:

A ideologia de grupos dominantes alicerça, por conseguinte, a produção de determinadas estratégias cuja função é o estabelecimento ou invenção de certas visões da História e não de outras, ou seja a visão que melhor convém a, e que beneficia, o grupo no poder. Estas estratégias, de acordo com Saramago, manipulam as pessoas de tal modo que elas se sentem forçadas a aceitar que a História assenta em princípios absolutos, eternos, fixos, permanentes e objectivos. Neste contexto, a História equivale à verdade; é indiscutível.

(Ornelas 2007, 216)

Portanto, a História é representada como a verdade, como não há outras versões dos acontecimentos do passado. Saramago tenta subverter, usando a ironia, esta suposta verdade, para ele não há uma verdade, há várias.

De acordo com David Frier, muitos romances de Saramago são “a constant interrogation of established Portuguese assumptions concerning the nation’s past” (11). Ana Paula Arnaut marca isto como o primeiro ciclo da obra de Saramago. Conforme ela explica, este ciclo decorre entre o romance *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991):

Neste período verificamos uma enorme apetência pelo tratamento de temas históricos, directa ou indirectamente relacionados com a História e com a Cultura portuguesas, seja de um passado mais remoto seja de um tempo mais recente.

(Arnaut 25)

Portanto, o tema central nestes romances de Saramago é a História portuguesa. Ele não quer descrever a História, ele não é um historiador, mas ele dá uma nova perspectiva ao passado, e, ao mesmo tempo, ao presente. “Saramago reconhece a impossibilidade da história total e a subjectividade inevitável do historiador.” (Perrone-Moisés 102). Por isso, Saramago muda a História (com maiúscula) numa história (com minúscula), para ele a História consiste de várias estórias e não podemos escrever uma História oficial. A subversão dos relatos oficiais

² “The Nobel Prize in Literature 1998”. *Nobelprize.org*. Nobel Media AB 2013. Web. 14 de Junho 2014

da História portuguesa, Saramago também está a subverter e questionar a nação portuguesa. Tanto a nação portuguesa do passado como a nação do presente, por causa da arte ambígua da ironia.

A tradição oral como inspiração da escrita

A subversão da História evoca o estilo de escrever de Saramago. O autor português introduziu um estilo de escrever que se parece com a tradição oral: ele não usa muitos pontos ou outras marcas da pontuação. Desta maneira, ele também subverte as convenções gramaticais. O leitor tem de descobrir, entre as vírgulas e as maiúsculas, qual personagem está a narrar nos romances. Para Saramago, a pontuação é em particular uma convenção, que é prática e cria ordem mas não é necessária para a compreensão. Segundo ele, os pontos e vírgulas não são marcas de pontuação, mas são pausas, como uma nota musical (Saramago em Reis 101). Saramago dizia que, quando os leitores não entendem o que está escrito, eles precisam de ler algumas páginas em voz alta. “O leitor há-de ouvir, dentro da sua cabeça (...) a voz que «fala».” (Saramago em Reis, 103). Isto mostra que o estilo de escrever de José Saramago se parece muito com a tradição oral. Saramago também indica que há várias outras coisas, como a expressão do olhar ou a voz, que contribuem a um diálogo. Estas coisas não se manifestam no papel, o leitor tem de trazer estes aspectos para a estória.

Rhian Atkin argumenta que a tradição oral contribui a uma metaficção historiográfica de alguns romances de Saramago. “[Saramago] frequently returns to the past in his novels and elaborates on and challenges the “official” version of events” (Atkin 119). Na tradição oral, às vezes, muita informação é omissa ou mudada. Saramago mostra isto ao mudar a perspectiva da narração ou ao chamar a atenção aos personagens marginalizados, ele está a escrever uma história mais subjectiva. Esta tradição oral de Saramago pede mais participação dos leitores, quem têm de dão intonação e significação aos textos (Atkin 110). Esta participação também pode ser interpretada como uma forma da cumplicidade entre o narrador e o leitor. Esta cumplicidade sugere que o uso da língua de Saramago também tem o papel de ironizar.

Portanto, o estilo saramaguiano contribui ao tom irónico da obra de Saramago. Ele usa a metaficção historiográfica como uma forma da ironia, para subverter e criticar as verdades. Este reescrito do passado contribui a uma crítica às ideias sobre uma nação como uma comunidade imaginada. Como Frier observa, os portugueses têm muito orgulho na sua

história, em particular nas explorações marítimas dos séculos XV e XVI, qual tem um papel importante na criação de uma identidade nacional. Ao subverter esse amado passado, Saramago critica a ideia de uma nação. Em *A Viagem do Elefante* um acontecimento histórico, que está relacionado a estas explorações marítimas, é usado para descrever a ideia de uma nação, a comunidade imaginada. Chega a uma subversão, uma crítica, desta comunidade imaginada, pelo estilo irónico do romance.

Revisão Bibliográfica

Na vasta bibliografia que está escrita sobre a obra de José Saramago, ainda não muito foi escrito em relação ao romance *A Viagem do Elefante*. Por isso, só trata-se de alguns artigos sobre este romance.

Um dos autores que escreve sobre o referente romance, é a professora da literatura portuguesa em Coimbra, Ana Paula Arnaut. Ela argumenta, no seu artigo “Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances fábula”, que nos três últimos romances do autor português (*As Intermitências da Morte* (2005), *A Viagem do Elefante* (2008) e *Caim* (2009)) se pode observar uma “mudança de rumo na produção ficcional” (25), estes três romances fazem parte do que ela define um terceiro ciclo³ na obra de Saramago. Ele designa este ciclo como o dos ‘romances fábula’, não por causa da presença dos animais, mas por cause da dimensão ético-moral. Neste novo ciclo, há uma recuperação aos temas históricos (26) e Arnaut nota que: “Em *A Viagem do Elefante*, mantém-se o recurso aos vários processos cómicos.” (28). Fazendo alusão à ironia que subverte os relatos oficiais, que também será analisado neste trabalho

Um outro artigo que trata de *A Viagem do Elefante* é, “Moving elephant, moving symbols. Colonial Discourses of translation in José Saramago’s *A Viagem do Elefante*”, em que Nout van den Neste analisa os discursos (pós-) coloniais no referente romance. Segundo ele, estes discursos contribuem à mudança da identidade do Subhro. No seu artigo, Neste mostra o papel do poder nestas transformações da identidade. Ele explica: “[...] those who rename Subhro [...] control his representation and therefore his very identity.” (5). Mostra-se

³ De acordo com Arnaut, O primeiro ciclo trata do tema da História e cultura portuguesa e o segundo ciclo trata dos temas mais universais (25).

a influência da língua numa identidade nacional e o papel que o poder tem na construção desta identidade.

Eduino José Orione trata da viagem como um factor da fraternidade. O autor do artigo faz comparação com o romance *A Jangada da Pedra* (1986)⁴, no qual Portugal se aproximou com as suas antigas colónias. Porque estas colónias fazem parte da História portuguesa, elas fazem parte do sentimento nacional. Segundo Orione, o mesmo aconteceu em *A Viagem do Elefante* em que várias culturas são unidas numa viagem, e as influências destas culturas têm um papel na representação e construção das identidades de várias personagens. Orione argumenta que: “[...] Saramago vislumbrou, no sangrento século XVI, uma história de amizade e fraternidade, construída a partir de um fato histórico pontual: a entrega de um presente.” (26). Segundo ele, um gesto simples teve por consequência uma viagem de fraternidade. Este sentimento da fraternidade na viagem reflecte a fraternidade da comunidade imaginada.

Comunidade imaginada: poder, religião e língua

Segundo Anderson, há vários desenvolvimentos contribuindo ao nascimento da identidade nacional, entre outros, mudanças no domínio do poder, da língua e da religião. Estes três aspectos são os temas principais do referente romance e, neste trabalho, serão analisados em relação à representação da criação da nação como uma comunidade imaginada e à crítica desta comunidade.

A língua tem um papel importante na criação da comunidade e identidade nacional, como salienta Thomas H. Eriksen: “(...) a shared language can be a powerful symbol of cultural unity as well as a convenient tool in the administration of a nation state.” (124). Também Anderson reconhece estes papéis da língua. Os desenvolvimentos na tecnologia da imprensa e o surgimento dos vernáculos deram lugar às novas línguas administrativas, com as quais as pessoas pudessem se sentir relacionadas. Assim, criando um sentimento da identidade (nacional). O estilo saramaguiano e o tom irónico do romance contribuem à crítica da língua como uma manifestação cultural da comunidade imaginada. Portanto, analisa-se a língua, como uma manifestação cultural, que contribui a representação de uma comunidade imaginada, mas também como a língua crítica esta comunidade.

⁴ Neste romance, a Península Ibérica foi separada do restante da Europa e está navegando no Oceano Atlântico.

A religião também é uma manifestação cultural, a qual ajuda na representação da nação como uma comunidade imaginada. De acordo com Anderson, o nacionalismo podia surgir porque a influência poderosa das instituições religiosas, como a igreja católica, diminuiu (7). Mas, no mesmo tempo, ele argumenta que, o nacionalismo tem algumas características comparáveis com a religião. A religião podia ajudar na criação de uma identidade nacional, para criar um sentimento de unidade. Mas a religião também funciona como um *blueprint* para o nacionalismo. Eriksen observa: “It [nationalism] draws on religion and myth for its symbolism [...]” (129). Além disso, a religião ajuda na representação da criação de uma comunidade imaginada. Tanto o nacionalismo como a religião usam símbolos para criar uma forma de unidade

Baseando no artigo “Formas e usos da negação na ficção histórica de José Saramago” de Perrone-Moisés, analisa-se as relações de poder, no romance aqui analisado, como um ‘não’ contra a ordem estabelecida, neste caso o poder da monarquia. Perrone-Moisés trata do ‘não’ nos vários romances de Saramago, como um ‘não’ contra a comunidade europeia em *A Jangada da Pedra* e um ‘não’ literal em *História do Cerco de Lisboa* (103). Pode-se ler *A Viagem do Elefante* como um ‘não’ contra a ordem estabelecida, o qual se expressa no ironizar do poder da monarquia. Muitas vezes, as pessoas no poder, são os heróis da História, como o rei, e quais são importantes para um sentimento nacional. Ao expor e subverter o poder deles, a comunidade imaginada é criticada. A exposição da ironia mostrará uma crítica sobre a nação como uma comunidade imaginada. Esse uso da ironia sugere que o escritor tenta expor e subverter a ideia duma nação; as ideias e os conceitos que sustentam a imagem da comunidade imaginada.

Portanto, este trabalho vai analisar como os temas do poder, da religião e da língua contribuem à representação de uma nação como uma comunidade imaginada. Mas, ao mesmo tempo, analisa-se a crítica a esta comunidade, que é expressa por meio da ironia.

1. O papel do poder na representação e na crítica da comunidade imaginada

Segundo Anderson, a diminuição do poder das, entre outras, dinastias teve por consequência o nascimento do sentido de pertencer a uma nação, como uma comunidade imaginada. Mas, isto não significa que não há outras formas de poder nas nações. Sempre há pessoas no poder, com uma forma da autoridade, num território, quais fazem com que uma nação será representada como uma unidade, como uma comunidade imaginada. Desta maneira, a nação está representada como um produto do poder em vez de um produto cultural. Anderson afirma que, uma nação é um objecto de poder e prestígio para as autoridades, mas pertencer a uma nação é uma questão social e cultural (4-5).

Porém, o poder tem um papel importante na definição de uma nação. Conforme Ornelas salienta, que as pessoas no poder são responsáveis pelas certas representações da História (2007, 216), elas são, desse modo, também responsáveis pelas representações da nação. Por exemplo, Ornelas também observa, em relação a Portugal, que “[...] the fascist period had idealized and romanticized its past and its heroes.” (1999, 67). Naquela maneira, o poder, se fosse um regime fascista ou a monarquia, influencia as representações da História nacional e, ao mesmo tempo, a representação nacional.⁵

No romance aqui analisado, nota-se este papel do poder na representação de uma nação quando o comandante da caravana portuguesa vai ordenar (em nome do rei) alguns bois adicionais (para tirar o alimento e a água de Salomão) numa aldeia portuguesa. Mas nesta aldeia o comandante tem um problema, o conde da aldeia não está presente e por isso o feitor tem de deferir o pedido do comandante. Porém, o feitor não se atreve a fazer isso sem a aprovação do seu conde:

⁵ As mudanças, muito recentes, nos livros escolares da História em, entre outros, a Rússia e a China, mostram a relevância do tema da influência do poder, visando por Saramago, hoje em dia. Na Rússia, Vladimir Putin, queria mudar o conteúdo dos livros escolares, porque, segundo o autor do artigo no Financial Times, Gideon Rachman: “He [Putin] dislikes the suggestion that the countries of eastern Europe were occupied by the Soviet Union in 1945. His preferred vision of history is that the USSR saved these nations from fascism.” Observa-se aqui a influência do poder nas representações do passado e da nação.

[...] O senhor conde não está, só ele é que. O comandante cortou-lhe a frase, Parece que não ouviste que estou aqui em nome do rei, não sou eu quem te está a pedir o empréstimo de uma junta de bois por uns dias, mas sua alteza o rei de Portugal, Ouvi, meu senhor, ouvi, mas o meu amo, Não está, já sei, mas está o seu feitor que conhece os seus deveres para com a pátria, A pátria, senhor, Nunca a viste, perguntou o comandante [...].

(Saramago 61)

O feitor nunca viu ou ouviu falar desta pátria, por isso o pedido em nome do rei não significa muito por ele. Isto é um bom exemplo da negligência das partes rural de Portugal, que é conforme Frier salienta, muitas vezes presente na obra de Saramago (16). Lisboa é considerado como o centro e a cidade mais importante do país, o resto de Portugal, aparentemente, não importa (pelas pessoas no poder). Mas para o comandante (sendo também uma pessoa com autoridade), o poder e a autoridade do rei são muito importantes e definem, aos olhos do comandante, a nação portuguesa. Esta ignorância do feitor também é uma crítica ao aspecto ‘imaginado’ da comunidade imaginada. Segundo Anderson, sabendo que há outros habitantes na sua comunidade seria suficiente para se sentir uma fraternidade, mas o feitor não partilha essa ideia.

Portanto, o poder e a autoridade são aspectos essenciais na representação de uma nação, na perspectiva das pessoas no poder (como a monarquia e o comandante). Mas, para os habitantes desta comunidade imaginada, a monarquia e uma cidade ‘grande’ como Lisboa, são conceitos desconhecidos. Nota-se esta ignorância e desinteressa também quando o comandante fala com o boieiro em preparação da visita deles à aldeia:

O comandante chamou o boieiro, explicou-lhe ao que iam e recomendou-lhe que observasse bem os animais, se os houvesse, porque deles dependeria a rapidez da expedição e um breve regresso a Lisboa. O boieiro disse que sim senhor duas vezes, embora a ele pouco lhe importasse, não vivia em Lisboa, mas numa aldeia não longe chamada Mem Martins, ou algo deste jeito.”

(Saramago 2008, 57-58)

O boieiro não vive em Lisboa mas só ‘numa aldeia’, qualquer aldeia, que não importa. O narrador, nem mesmo, está certo que ‘Mem Martins’ é o nome verdadeiro desta aldeia, por causa do seu acrescentamento ‘ou algo deste jeito’. E para o boieiro, não é interessante saber quando a caravana vai voltar para Lisboa, ele vive na sua própria comunidade. Este excerto mostra, de novo, que nos olhos do poder, Lisboa é considerado o mais importante da nação

Portugal. Mas para o povo, Lisboa tem nenhum significado. Desta maneira, Saramago está a subverter as representações da nação, da perspectiva das pessoas no poder. Elas têm uma visão tão diferente da pátria, do que os habitantes.

A atitude do boieiro concorda com o ‘não’ de Perrone-Moisés, porque ele diz ‘sim’ ao comandante, mas na verdade, a viagem de volta para Lisboa não lhe importa (mostrando também a arte ambígua da ironia). Desse modo, o boieiro está a dizer ‘não’ ao poder da Lisboa. Esta tônica numa personagem marginalizada, alguém não importante para os relatos oficiais, é uma forma da ironia (também característico da metaficção historiográfica, por causa da subversão do relato oficial). Ou conforme Ornelas salienta:

O escritor [Saramago] deseja sobretudo ampliar a representação histórica; mostrar que nas margens e nos silêncios do discurso oficial histórico português existem muitas outras histórias, [...] que valem a pena ser narradas porque eles também contribuíram ou irão contribuir agora para a construção do país e para a realidade sócio-cultural portuguesa.

(2007, 217)

Portanto, Saramago está a subverter os relatos oficiais para que as personagens (ou aldeias) marginalizadas obtêm uma voz na História. Desse modo, dando uma nova perspectiva à representação da nação.

Em suma, as pessoas no poder, no contexto do romance, a monarquia, têm uma visão diferente sobre a sua nação, do que o povo. Segundo outras pessoas no poder, como o comandante, esta nação está representada no poder do rei e de Lisboa. Mas, Saramago critica esta representação de uma comunidade, para dar uma voz às personagens marginalizadas (neste caso, o feitor e o boieiro) que não partilham a visão das pessoas no poder. Mas este exemplo não é o único instante em que a autoridade da monarquia está subvertida.

Muitas vezes, o poder e a autoridade da monarquia são vítimas da subversão em *A Viagem do Elefante*. Já nas três primeiras frases ‘saramaguianas’ do romance, podemos distinguir alguns casos da ironia com respeito à autoridade de “dom João, o terceiro, rei de Portugal e dos algarves” (Saramago 2008, 13). Dado o facto que José Saramago não usa as letras maiúsculas, como é costume quando aponta o nome duma pessoa (em particular quando se trata de uma pessoa importante), mostra uma forma da escrita irónica, com o qual o escritor subverte a autoridade do rei.

Um outro aspecto irónico nestas primeiras frases, tem a ver com uma glosa não digna para D. João III e a sua esposa e rainha de Portugal, D. Catarina de Áustria. De acordo com Perrone-Moisés os romances históricos de José Saramago vai ser “ironizado e satirizado pela inclusão de dados indignos de uma crónica real” (1999, 104). O narrador usa uma descrição quase vago, mas para os leitores é claro o que ele implica:

[...] o primeiro passo da extraordinária viagem de um elefante à áustria que nos propusemos narrar foi dado nos reais aposentos da corte portuguesa, mais ou menos à hora de ir para cama.

(Saramago 2008, 13)

O narrador não entra em pormenores sobre a rotina de dormir do rei e a sua esposa, porque ele também sabe que isto não é muito próprio por um relato histórico. Mas o sentido implícito do narrador é claro e, desta maneira, o D. João III é representado como um homem comum, mesmo como os plebeus, um rei vai para cama e dorme com a sua esposa. Portanto, já na primeira frase a autoridade do rei é subvertida. A inclusão dos dados indignos é um ‘não’ contra o poder do símbolo da monarquia, o qual representa a nação.

Encontra-se também esta subversão da autoridade da monarquia, quando o narrador trata de D. Catarina da Áustria: “[...] futura avó daquele dom sebastião [...] embora não falta quem afirme que se finou por doença na véspera da batalha.” (Saramago 13-14). O mítico e grande Sebastião está representado como uma pessoa comum, que não atingiu alguma coisa importante na sua vida, do que os outros reis, isto é por causa da usa da palavra ‘daquele’. E talvez até é menos importante do que outros reis, porque ele morreu na ‘véspera da batalha’, não durante a batalha como os heróis, mas antes, ‘por doença’. Esta é uma descrição muito difamante de Sebastião, não muito digno para uma crónica real, e não como as pessoas no poder queriam representar o seu ‘Desejado’.⁶ Aqui também o narrador é sujeito da ironia, do anacronismo. O anacronismo é quando uma pessoa, um acontecimento, um objecto etc. está colocado fora da sua época histórica (Abrams 300). O Sebastião ainda não é nascido, mas o narrador já fala sobre ele e o que aconteceu com ele. Isto é uma forma recorrente no romance aqui analisado. Esta subversão e crítica ao Sebastianismo, implica uma subversão de um símbolo nacional. Desse modo, Saramago está a criticar um símbolo da comunidade imaginada.

⁶ A morte de Dom Sebastião leva a um mito referente o rei português, “[...] the belief in mysterious prophecies that promised the return of Dom Sebastião as the *encoberto* (the hidden one), a sort of messiah, who would bring salvation to Portugal.” (Newitt, 97). Por causa de uma união dinástica em 1580, Portugal e a Espanha foram uma unidade política, como é que a crença no Sebastianismo aumentou.

Em seguida, na subversão do poder da monarquia, o narrador esboça um quadro de D. João III como ele é uma pessoa não muito inteligente. O D. João III tem de formular uma letra na qual o elefante está oferecido ao seu primo o arquiduque Maximiliano da Áustria.

[...] o rei mandou vir o secretário pêro de alcáçova carneiro e ditou-lhe uma carta que não lhe saiu bem à primeira, nem à segunda, nem à terceira, e que teve de ser confiada por inteiro à habilidade retórica e ao experimentado conhecimento da pragmática e das formulas epistolares usadas entre soberanos que exornava o competente funcionário, o qual na melhor das escolas possíveis havia aprendido, a de seu próprio pai, ántonio carneiro, de quem, por morte, herdara o cargo.

(Saramago 2008, 16)

Em primeiro lugar, observa-se que o rei não se parece uma pessoa perseverante, já à terceira tentativa ele abandona a formular a letra. O rei é representado como incapaz de escrever uma letra. O secretário, Pêro Alcáçova Carneiro tem de resolver o assunto com a sua “habilidade retórica”. Então não há dúvida de que ele seja capaz de escrever uma letra qual é digna para um rei. Aqui a relação de poder entre o rei e o secretário é claro. O rei tem o poder absoluto, a autoridade reconhecido, mas o poder real está com o secretário, ele tem as habilidades e o conhecimento que é necessário para exercer o poder.

Em segundo lugar, também a autoridade e a capacidade dos antecessores de D. João III são subvertidas. O secretário adquiriu o seu conhecimento e as suas habilidades “na melhor das escolas possíveis”, ele aprendeu as subtilezas do ofício e herdou a profissão do seu pai. Porque também o João III herdou a sua ‘profissão’ do seu pai, Manuel I, ele devia aprender as habilidades dum rei, do seu pai. Mas, porque D. João não é muito capaz, pode-se deduzir que também o seu pai, não foi muito capaz. Desta maneira, a monarquia portuguesa está representado como uma farsa. Não os reis tiverem o poder, mas os secretários e outras pessoas mais adequadas. Mostrando que a monarquia é só um símbolo da nação ao qual se pode inspirar-se no sentido de pertencer a uma comunidade imaginada. Mas, no fim, segundo o escrito irónico, a monarquia não tem muita autoridade.

Antes de ler alguns fragmentos podemos deduzir que a rainha talvez é mais inteligente do que o rei. Foi a ideia dela para oferecer o Salomão ao arquiduque e ela tem um bom conhecimento linguístico do alemão. Ela espera que a letra será em alemão porque ela queria mostrar as suas habilidades, mas o serviço da rainha não é necessário porque a letra esteve no latim. Porém, o rei também não é capaz de ler a letra embora ele foi assinado em latim e uma

outra vez o secretário tem de fazer o biscate. Portanto, o secretário parecer mais inteligente do que o rei. Também podemos observar isto quando o rei ouve que Maximiliano mudou o nome de Salomão em Solimão.

[...] Que solimão é esse, perguntou, enxofrado, o rei, ainda não tem lá o elefante e já quer mudar o nome, Solimão, o magnífico, meu senhor, o sultão otomano, Não sei o que faria eu sem si, senhor secretário, como conseguiria saber quem é esse tal solimão se a sua brilhante memória não estivesse aí para ilustrar e orientar a toda a hora, Peço perdão, meu senhor, disse o secretário.

(Saramago 29-30)

O rei perda a sua autoridade quando o secretário mostra o seu conhecimento em frente da D. Catarina e outras pessoas. D. João III é representado como um rei que não pode escrever uma letra, que não pode ler uma letra em latim e que também não tem algum conhecimento da História. Estes são tudo habilidades e conhecimentos que o leitor presume um rei têm. Assim este extracto irónico mostra que a monarquia portuguesa tem o poder, mas neste caso o secretário e, nem sequer, o arquiduque têm mais poder do que o rei. O arquiduque Maximiliano imediatamente muda o nome do elefante, num nome que o arquiduque aprecia e que mostra grandeza. De acordo com Neste, a pessoa que muda ou transforma o nome de alguém, está no poder (5). Desta maneira, uma identidade nacional está imposta a essa pessoa, e, observa-se o poder do arquiduque como elemento da representação da nação. Mas, ao mesmo tempo, nota-se também a subversão do poder da monarquia portuguesa.

Portanto, um rei é, normalmente, o representante (um símbolo) duma nação (neste caso de Portugal), o mesmo como as outras pessoas no poder (como o comandante da caravana portuguesa ou o arquiduque Maximiliano). O escrito irónico representa D. João III como um rei não inteligente e não adequado para a sua profissão, desse modo, a comunidade imaginada de Portugal também é representado na mesma maneira. Além disso, Saramago dá uma voz às personagens marginalizadas, como o secretário, as quais subvertem a autoridade da monarquia. Todos estes exemplos da subversão da autoridade e do poder da monarquia, representam a nação numa maneira muito crítica. A comunidade imaginada é uma visão das pessoas no poder, mas a ironia subverte esta ideia da monarquia e mostra uma nova perspectiva aos símbolos (como a monarquia) da nação.

2. A função da língua na representação e na crítica da comunidade imaginada

Aqui analisa-se a influência da língua, como uma manifestação cultural, na construção e representação de uma comunidade imaginada e de uma identidade nacional. As mudanças no domínio da tecnologia de imprensa tinham por consequência uma estandardização, ou homogeneidade, na diversidade de várias línguas num território. Por causa disto, a língua tornava-se numa manifestação cultural ao qual a gente se podia identificar. Para Anderson, a língua pode significar uma ligação entre todas as pessoas que falam a mesma língua.

What the eye is to the lover (...) language – whatever language history has made his or her mother-tongue – is to the patriot. Through that language, encountered at mother’s knee and parted with only at the grave, pasts are restored, fellowships are imagined, and futures dreamed.

(Anderson 154)

Portanto, a língua é, também de acordo com Eriksen, um símbolo muito forte na criação de uma unidade cultural (124). Encontra-se esta função da língua no romance quando a caravana austríaca passava por Bressanone⁷, um sítio na Itália.

[...] estamos autorizados a revelar que solimão gozará de um merecido descanso de duas semanas nesta conhecida estância turística, concretamente numa estalagem que tem o nome de am hohen feld, que significa, nunca melhor dito, terra íngreme. É natural que a alguém lhe pareça estranho que uma estalagem que ainda se encontra em território italiano tenha um nome alemão, mas a coisa explica-se se nos lembramos de que a maior parte dos hóspedes que aqui vêm são precisamente austríacos e alemães que gostam sentir-se como em sua casa.

(Saramago 233)

⁷ Onde, hoje em dia, o elefante permanecerá vivo na memória, porque há um hotel que se chama *Hotel Elephant*. Este hotel proclama que no seu sítio era a pousada onde o elefante e a caravana descansaram e que o antigo proprietário mudou o nome do hotel em *Am Hellephanten*. Há um fresco num muro do hotel que representa o elefante e simboliza “the meeting between East and West, an allegory for world unity”. (www.hotelelephant.com)

Este excerto mostra a importância da língua na criação de um sentimento de pertencer a alguma coisa, ou a algum lugar. O nome alemão do hotel implica que, naquele lugar, também foi falado alemão. Para os hóspedes, que falaram a mesma língua, este lugar representa, no mínimo num nível cultural, a terra natal. As saudades de casa (de pátria ou nação) são satisfeitas por meio da língua.

Mas este exemplo também mostra a ‘elasticidade’ de uma comunidade imaginada e a acessibilidade da língua. Como Eriksen nota, as nações (como unidades políticas) consideram que “[...] political boundaries should be coterminous with cultural boundaries.” (131). Porém, não é possível atingir este ‘desejo’ das nações. O narrador do romance afirma que o hotel, com nome alemão, ficou no território italiano. Portanto, a elasticidade da comunidade imaginada representa-se aqui na incorporação de um elemento cultural num outro território. Do mesmo modo, a língua é ‘elástico’, porque a língua alemão não é só um componente cultural para se sentir em casa para os alemães, mas também para os austríacos. Mostrando que uma língua não é determinada para uma única nação e que ela é acessível, está aberta. Contudo, tanto as fronteiras políticas como culturais não convergiam, as fronteiras são flexíveis.

Assim, este excerto mostra uma nação, como uma comunidade imaginada, não é definida pelas fronteiras políticas. Mas é possível sentir-se em casa, experimentar o sentimento de uma identidade nacional, num outro lugar, mas aonde se falam a sua língua. A língua é uma manifestação cultural responsável pela unidade cultural.

Porém, ao mesmo tempo, Saramago dirige uma crítica a esta influência de uma outra língua numa nação. Como já discutido, a língua é uma expressão de identidade de alguém. A língua nacional contribui a uma identidade nacional, a um sentido de pertencer a uma comunidade nacional. Mas as influências das línguas estrangeiras podem mudar este sentido. Como comparação com a presença de uma pousada alemã na Itália, o narrador fala sobre, em particular, o inglês, mas também do francês e do alemão, em Portugal.

Razoes afins levarão um dia a que, no algarve, [...] toda a praia que se preze, não é praia mas é beach, qualquer pescador fisherman, tanto faz prezar-se como não, e se de aldeamentos turísticos, em vez de aldeias, se trata, fiquemos sabendo que é mais aceite dizer-se holiday’s village, ou village de vacances, ou ferienorte.

(Saramago 233)

O narrador fala sobre a influência de várias línguas no português, num lugar que, hoje em dia, é muito turístico, o Algarve. Por causa de um mundo muito globalizado, uma língua podia usar palavras das outras línguas, de mesmo como o narrador aqui mostra. Em vez de dizer ‘pescador’ é mais comum falar de um ‘fisherman’, ou um ‘beach’ em vez de uma ‘praia’. Mas, não só há a influência do inglês, os aldeamentos turísticos são chamados ‘village de vacances’ ou ‘ferienorte’, mostrando que a língua portuguesa também tem uma relação com o francês e o alemão. O narrador continua a sua digressão:

Chega-se ao cúmulo de não haver nome para lojas de modas, porque ela é, numa espécie de português por adopção, boutique, e, necessariamente, fashion shop em inglês, menos necessariamente modes em francês, e francamente modegeschäft em alemão. Uma sapataria apresenta-se como shoes, e não se fala mais nisso.

(Saramago 233-234)

Nota-se, em particular, os exemplos ingleses. A escolha da palavra ‘necessariamente’ sugere que o narrador está mais infeliz com o uso das palavras inglesas do que o do francês ou alemão. Aparentemente, não é evitável a influência do inglês e isto é o que ele não gosta.

Também nota-se uma forma de ironia óbvia, o anacronismo. O narrador fala sobre acontecimentos do futuro enquanto ele está no século XVI. Ele sabe mais do que será possível no reinado de Dom João III, ele fala sobre o século XXI, um tempo em que o Algarve é um lugar de férias muito popular, especialmente para os ingleses. Portanto, a influência da língua inglesa é inevitável, os turísticos ingleses também querem sentir-se como em casa. De mesma forma com os austríacos e os alemães em *Am Hohen Feld*. O anacronismo sugere uma crítica a língua de hoje. Há uma comparação com a língua portuguesa do passado (que é melhor para o narrador) e a língua portuguesa do presente (com as influencia do inglês, que é considerado mau).

Ornelas observa, na sua análise sobre *A Jangada de Pedra*⁸ (1986) de Saramago, que este romance pode ser lido como um volver ao passado: “[...] a recapturing through memory of something the Portuguese were but no longer are [...]” (1999, 81). Observa-se isto também em *A Viagem do Elefante* com a crítica à língua como uma manifestação cultural. E isto sugere

⁸ De acordo com Ornelas, esta viagem representa um desejo da Península para haver uma relação melhor com as antigas colônias de Portugal (na África e as Américas), porque Portugal tinha uma História antiga e longa com elas e são uma parte da identidade nacional de Portugal

uma crítica à influência das línguas estrangeiras. Há uma tradição cultural que está a desaparecer. Ou como Laura F. Bulger observa no artigo de Ornelas:

[O] que está a desaparecer, as tradições locais, os hábitos linguísticos, não é uma consequência de uma amnesia colectiva, como sugerem alguns críticos, mas de um esforço colectivo para não recordar o passado, não só porque a recordação é dolorosa mas também porque constitui um obstáculo à imitação dos estrangeirismos, das maneiras civilizadas que tanto admiram.

(1999, 81-82)

Daí pode-se deduzir que a influência das línguas estrangeiras é uma maneira para atingir uma forma de grandeza. A nação tenta a encarregar-se dos hábitos e tradições das outras comunidades na esperança da nação vai ser comparável com estas outras comunidades. Por isso, parece que a crítica de Saramago à influência das línguas estrangeiras é mais uma crítica ao poder que estas línguas têm na representação de uma nação.

Então, analisa-se a língua num nível cultural com uma referência à parte do romance que trata da influência das várias línguas em Portugal e na Itália. A presença dum hotel alemão no território italiano mostra, em primeiro lugar, a elasticidade das fronteiras (linguísticas) de uma nação e com isso a representação de um sentimento da identidade nacional. Em segundo lugar, há a acessibilidade da língua, tendo por consequência que tão os alemães como os austríacos sentem-se em casa quando há a presença do alemão. E também porque a Itália era capaz de produzir um hotel com nome alemão. Ambas são, segundo Anderson, características para uma comunidade imaginada. À vista disso, conclui-se a língua uma manifestação cultural que é responsável pela representação de uma comunidade imaginada. Pelo contrário, encontra-se uma crítica à influência desta manifestação cultural na comunidade imaginada quando o narrador fala sobre o Algarve do presente. A influência das línguas estrangeiras na língua portuguesa sugere uma angústia de perder tradições culturais. Mas, isto não é só uma perda dos hábitos linguísticos. Esta crítica é também uma crítica ao poder que uma língua tem na representação de uma comunidade imaginada.

3. A religião como o fundamento da comunidade imaginada

Analisa-se aqui a manifestação cultural da religião em relação à representação da comunidade imaginada. A religião, de mesmo como a língua, pode ajudar no nascimento de um sentimento de pertencer à uma comunidade, mas também crítica esta comunidade. A religião podia ser no mesmo tempo um factor unido e uma crítica à comunidade imaginada. “[...] [N]ationalism lays claim to symbols which have great importance for people, and argues that these symbols represents the nation-state [...]” (Eriksen 129). A religião usa os símbolos numa mesma maneira. Para Anderson, uma experiência ‘uníssona’, como cantar o hino nacional, tem por consequência a realização de uma comunidade imaginada (145). Dá-se com o mesmo resultado no rezar de uma oração. Sabendo que há outras pessoas no mesmo momento a rezar, faz com um sentimento de unidade e solidariedade. Os símbolos nacionais tentam criar os mesmos sentimentos. Portanto, a religião podia ajudar na criação de uma identidade nacional, para criar um sentimento de unidade. A religião também podia servir de modelo para o nacionalismo, com as semelhanças no emprego dos símbolos e, como se analisa aqui, a religião é de si mesmo um símbolo nacional.

Durante o reinado de D. João III foi instituída, em 1536, a inquisição portuguesa. Esta inquisição concentrou-se, em particular, nos cristãos-novos, judeus convertidos à igreja católica, que foram suspeitados não exercer as regras próprias do cristianismo. Segundo Malyn Newitt, “[...] the Inquisitions can be seen as popular institutions (in the sense that they received widespread popular support), which continued to define an essential element of Spanish and Portuguese nationalism [...]” (114). Em *A Viagem do Elefante* há vários momentos em que a inquisição próxima é mencionada. Por exemplo, no início do romance quando o secretário está a falar com o rei: “Vem aí a inquisição, meu senhor, acabaram-se os salvo-condutos de confissão e absolvição” (19), a que o rei respondeu: “A inquisição manterá a unidade entre os cristãos, esse é o seu objectivo” (19). Portanto, porque Portugal é considerado em país cristão, em particular católico, esta afirmação de D. João III sugere que ele achava o papel principal da inquisição será unir os habitantes de seu território.

Em particular o catolicismo tem de pagar as favas no romance de Saramago. Os exemplos relacionados ao catolicismo mostra, num lado, o factor unido da religião, e num outro lado também a crítica que a religião expressa. Quando a caravana austríaca passou por Padua, um padre aproximou-se do Subhro e o seu elefante. A basílica de Padua precisava um milagre do Salomão, ele tem de ajoelhar em frente da basílica. O crescente protestantismo na Europa teve por consequência uma ruptura na religião católica, por isso o pedido (ou mais ordem, do clero). Este pedido mostra a diminuição do poder da igreja católica, permitindo as pessoas imaginaram-se em outras comunidades que a comunidade religiosa. O Subhro teve algumas duvidas e não sabia o Salomão será capaz de aprender este milagre. Por isso, Subhro perguntou ao padre quem será as testemunhas do milagre e o padre respondeu:

Em primeiro lugar, toda a comunidade religiosa da basílica e quantos cristãos dispostos consigamos reunir à entrada de templo, em segundo lugar, a voz pública que, como sabemos, é capaz de jurar o que não viu e afirmar o que não sabe [...]

(Saramago 191)

Este excerto mostra que a comunidade é imaginada, porque não só as pessoas que estiveram presentes ao milagre são as testemunhas, mas também as que não viram-no. Lembra-se o critério de Anderson, que uma comunidade é imaginada, porque sem conhecer toda a gente na sua nação, é possível imaginar que elas existem: “[...] in the mind of each lives the image of their communion.” (Anderson 6). Portanto, para as pessoas que não tinham visto o milagre, é suficiente saber que o milagre ocorreu para acreditar nisso. Porém, esta credulidade é também uma crítica à comunidade imaginada, como o seguinte passagem, que dá ligação à anterior, mostra:

Incluindo acreditar em milagres que nunca existiram, perguntou o cornaca, São esses os mais saborosas, dão trabalho a preparar, mas o esforço que pedem é em geral compensador, [...].

(Saramago 191)

O padre admitiu que há milagres forçados, mas que estes são os mais eficazes. Daí, podia-se questionar a autenticidade da comunidade. A comunidade imaginada é baseada nos milagres fingidos.

No fim o cornaca concordou com o padre e vai aprender Salomão a ajoelhar.

Chegado à porta da basílica, perante uma multidão de testemunhas que por todos os tempos vindouros irão certificar o milagre, o elefante [...] dobrou os joelhos [...]. Solimão recebeu em troca uma generosa aspersão de água benta [...], enquanto a assistência unanimemente, caía de joelhos e a múmia do glorioso santo antónio estremecia de gozo no túmulo.

(Saramago 194)

Esta experiência partilhada do milagre, entre as testemunhas presentes e absentes, dá uma sensação da unidade, desse modo formam-se uma comunidade imaginada. Mas também aqui há alguns exemplos de tom irónico. Em primeiro lugar, há a ironizar do santo. Ele é representado como uma múmia, uma imagem indigna de um santo. E também a descrição que ele ‘estremecia de gozo’ é indigna, não concorda com a imagem se tem de um santo. As testemunhas são representadas como discípulos muito obedientes, elas não pensam, só acreditar o que é dito e feito pelas instituições de poder.

Observa-se aqui, de novo, o papel do poder na representação da comunidade imaginada. O milagre é idealizado, pela instituição poderosa, a igreja católica, e vai ser parte da História oficial da sua comunidade. O emprego da ironia sugere um aviso para não seguir obedientes as instituições de poder (tanto a comunidade religiosa como a nação), mas é sempre importante reflectir sobre o que é dito por estas instituições.

Depois este ‘milagre’, o Subhro decidiu a vender os pêlos de Salomão como um remédio contra a calvície. Ele iniciava um comércio muito lucrativo, mas o arquiduque não esteve muito feliz com a mercadoria de Subhro.

[...] Quero este assunto resolvido, não posso impedir que a fama do milagre de solimão nos persiga durante toda a viagem, mas ao menos que não se diga que a casa de habsburgo tira proveito das malfeitores de um cornaca metido a embusteiro [...].

(Saramago 201)

Então, o arquiduque não quer que a sua nação, a comunidade imaginada de Habsburgo, será associada com a superstição. Desse modo, a religião está relacionada à representação de uma comunidade. A religião pode criar as circunstâncias que contribuem ao sentimento de unidade e solidariedade de uma comunidade imaginada, mas, neste caso, a religião é prejudicial para a aparência de uma nação.

A religião, como uma manifestação cultural, tem por consequência um sentimento de unidade e solidariedade numa comunidade. A inquisição, talvez um exemplo bastante lúgubre, mostrou o papel unido da religião, mas também a influência das pessoas no poder na construção desta unidade. A inquisição foi instalada pela instituição poderosa, a igreja, e também o rei D. João III afirma a função unida desta perseguição religiosa. Talvez esta inquisição não é um símbolo nacional muito agradável, mas é muito característico da história da, entre outras, Espanha e Portugal. Por isso, uma manifestação religiosa como um símbolo nacional que ajuda na representação da comunidade imaginada.

O milagre de Salomão representa o aspecto imaginado de uma comunidade, mas é criticado no domínio da subversão do poder. A religião pode ser vista como um símbolo de uma nação, por exemplo o catolicismo na Itália. Por isso, o milagre é também um símbolo da nação, porque esta aconteceu no território da comunidade imaginada da Itália. Porém, Saramago subverte o poder deste símbolo nacional, usando a ironia, para mostrar a artificialidade do milagre. A religião está representada como uma instituição de poder que fingiu a comunidade. Usam-se milagres vigarices para criar um sentimento de unidade, e desta maneira, uma comunidade imaginada. Mas esta comunidade é feita pelas mentiras da igreja católica. A religião também podia ser prejudicial para uma nação, quando ela não concorda com a imagem que a comunidade quer propagar (que é o caso quando o arquiduque não quer que o Habsburgo é associado com a superstição).

Conclusão

Voltando à citação da Fundação Nobel, a qual descreveu Saramago como alguém que com “parables sustained by imagination, compassion and irony continually enables us once again to apprehend an elusory [sic] reality”⁹. Neste trabalho, procura-se a confirmar esta imagem do autor português, em relação à representação da nação em um dos seus últimos romances, *A Viagem do Elefante* (2008). Trata-se da nação como uma comunidade imaginada segundo a teoria de Benedict Anderson, em que esta comunidade é uma construção social e cultural.

No presente trabalho, analisa-se os temas principais do referente romance, o poder, a religião e a língua como factores contribuintes para a representação da comunidade imaginada. Lembrando a afirmação de José Ornelas, dizendo respeito a influência do poder na construção das representações da História, observa-se que as representações da nação, no romance, também expressam uma crítica. Por meio da ironia, Saramago subverte e expõe a verosimilhança estas representações e, ao mesmo tempo, critica a ideia de uma nação ou uma identidade nacional. Segundo Linda Hutcheon, a interpretação é essencial para a compreensão da ironia, na qual os contextos sociais e políticos influenciam esta interpretação. A metaficção historiográfica é considerada uma forma da ironia, por causa da sua problematização histórica e a subversão das representações do passado. Portanto, como a Fundação Nobel observa, o autor dirige, por meio do uso da ironia, a uma realidade elusivo, neste caso uma nação elusivo.

Analisa-se o poder num contexto da autoridade e do poder da monarquia. As pessoas no poder têm uma outra visão da sua comunidade imaginada do que as suas habitantes. Saramago mostra isto, para dar uma voz aos personagens marginalizados, como o feitor de uma aldeia portuguesa. Desta maneira, Saramago está a subverter os relatos oficiais históricos. Estas vozes das margens subvertem a autoridade do poder, destruindo e criticando a ideia de uma comunidade. Ironicamente, Saramago está a fazer o mesmo como os relatos oficiais. Ele subverte as representações destes relatos, porque as pessoas do poder têm muita influência neles. Embora eles quisessem só dar as suas perspectivas na nação e na História. Saramago também, com a sua autoridade como autor, só esta a dar uma representação, a qual

⁹ “The Nobel Prize in Literature 1998”. *Nobelprize.org*. Nobel Media AB 2013. Web. 14 de Junho 2014

não deve ser mais verdadeira do que os relatos oficiais. A crítica ao poder é também uma subversão do poder dos símbolos nacionais, como o Sebastianismo e a monarquia.

A língua é um outro tema do romance aqui analisado, e, tanto tem um papel na construção da comunidade imaginada, como um papel crítico em relação a esta comunidade. Conforme salienta Thomas H. Eriksen, a língua podia ser um símbolo para uma unidade cultural (124). O excerto do romance sobre o nome alemão de um hotel na Itália, mostra a influência forte da língua na construção de um sentido nacional. Observa-se também a elasticidade das fronteiras, quais são uma característica da comunidade imaginada segundo Anderson. A língua não é definida pelas fronteiras políticas, mas ‘viaje’ com as pessoas. Este exemplo da representação de uma comunidade imaginada também é criticado. Quando o narrador trata das influências das línguas estrangeiras, em particular do inglês no Algarve, observa-se uma forma óbvia da ironia, o anacronismo. O romance, que tem uma trama ambientada no século XVI, de súbito trata do Algarve do presente. Visto que a influência da língua não só muda nomes português, mas também muda um estilo de vida, este relato irónico sugere uma crítica à desapareição das tradições culturais (ironicamente escrito por um autor que mudou as tradições linguísticas de, entre outras, a pontuação). Mas, esta crítica à influência das línguas estrangeiras é também um crítico ao poder das línguas na representação de uma nação. A língua pode ser interpretada como um símbolo nacional e, de novo, Saramago subverte o poder deste símbolo, usando a ironia.

A religião, na representação da comunidade imaginada, funciona mais como um *blueprint*, um esboço, do nacionalismo. Segundo Anderson, há uma comparação entre o nacionalismo e a religião, ambos suscitam, por exemplo na simultaneidade de cantar um hino ou rezar uma oração, um sentido de unidade. O ‘milagre’ de Salomão tem um papel unificador na comunidade de Pádua. O elefante ajoelha em frente da basílica e por causa da presença do povo, as pessoas que não tem visto o milagre mas sabendo que há outras (do mesmo fé) que tem, o acontecimento religioso criou um sentido da unidade. Desta maneira, a representação da comunidade imaginada é representada por meio da religião, qual funciona como uma forma de nacionalismo.

Ao descrever como este milagre foi feito, pelo padre e o Subhro, Saramago critica não só este acontecimento religioso, mas ele está a subverter quase todos outros ‘milagres’ religiosos. Aqui há o uso irónico da cumplicidade entre o ironista e o intérprete. Ambos sabem que há milagres religiosos nas religiões, como o catolicismo, que são vistas

verdadeiros. Por isso, o ironista presume um certo conhecimento dos seus leitores como é que a ironia consegue. Desta maneira, Saramago está a subverter e expor um elemento fundamental da unidade religiosa, e ao mesmo tempo (sendo um esboço do nacionalismo), também a ideia de uma comunidade imaginada, porque a religião também pode ser considerado um símbolo nacional. Em particular, quando um milagre religioso aconteceu no território da comunidade imaginada. Por isso, a subversão do poder de um símbolo cultural e nacional.

Portanto, pode-se concluir que as representações e a crítica da nação, como uma comunidade imaginada e por meio da ironia, são, sobretudo, uma subversão do poder dos símbolos nacionais. Tanto o poder, como a língua e a religião contribuem na representação de uma nação e são também importantes para o sentimento de pertencer a esta nação. Porém, Saramago subverte a ideia de uma nação para ironizar estes símbolos nacionais como o poder (neste caso a monarquia), a língua e a religião (em particular o catolicismo).

O que será um caminho possível para desdobramento desta questão do poder, é a relação entre o poder e a honra. Este trabalho punha em foco a relação à representação da comunidade imaginada e os aspectos que contribuem a esta representação, em que o poder tem um papel importante. Mas, o papel da honra não foi considerada, porque isso é um trabalho de si mesmo, que também será interessante em relação à representação da identidade e comunidade nacional.

Bibliografia

- Abrams, M.H. and Geoffrey Galt Harpham. *A Glossary of Literary Terms*. 10th edn. United States of America: Wadsworth, Cengage Learning, 2012.
- Anderson, Benedict. *Imagined Communities*. London: Verso, 2006.
- Arnaut, Ana Paula. “Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances fábula (*As Intermittências da Morte, A Viagem do Elefante, Caim*)”. *IPOTESI, Juiz de Fora*. 15.1 (2011):25-37.
- Atkin, Rhian. “Are you sitting comfortably? Reading Saramago aloud”. *Ellipsis*. 6 (2008):107-22.
- Eriksen, Thomas H. *Ethnicity and Nationalism. Anthropological Perspectives*. London: Pluto Press, 2010.
- Frier, David G. *The Novels of José Saramago*. Cardiff: University of Wales Press, 2007.
- Fundação Nobel. “The Nobel Prize in Literature 1998”. *Nobelprize.org*. Nobel Media AB 2013. Web. 22 de Junho de 2014
- http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/
- Hutcheon, Linda. *A Poetics of Postmodernism. History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988.
- Hutcheon, Linda. *Irony's Edge. The theory and politics of irony*. London and New York: Routledge, 1994.
- Jubilado, Maria Odete Santos. *Saramago e Sollers: uma (re)escrita irónica?* Lisboa: Vega Editora, 2000.
- Kotthoff, Helga. “Irony, quotation, and other forms of staged intertextuality. Double or contrastive perspectivation in conversation.” *Perspective and Perspectivation in Discourse*. Eds. Karl Graumann e Werner Kallmeyer. Amsterdam: Benjamins, 2002.
- Muecke, D.C. *The Compass of Irony*. London: Methuen & Co Ltd, 1969.

- Neste, Nout van den. "Moving elephant, moving symbols. Colonial discourses of translation in José Saramago's *A Viagem do Elefante*". *estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades*. 3 (Janeiro de 2014): 1-21. www.estrema-cec.com
- Newitt, Malyn. *Portugal in European and World History*. London: Reaktion Books Ltd., 2009.
- Orione, Eduino José. "Parceiros de viagem: homens e animais em Guimarães Rose e José Saramago." *Kalíope*. 7.14 (2011): 16-28.
- Ornelas, José N. "Construction of Identity in Portuguese Contemporary Narrative." *Letras de Hoje*. 34.1 (1999): 65-86.
- Ornelas, José N. "Articulações da História na obra de José Saramago." *Da Possibilidade do Impossível: Leituras de Saramago*. Ed. Paulo de Medeiros e José N. Ornelas. Utrecht: Zuidam Uithof Drukkerij, 2007. 211-230.
- Perrone-Moisés, Leyla. "Formas e usos da negação na ficção histórica de José Saramago." *Literatura e História: Três Vozes de Expressão Portuguesa: Helder Macedo, José Saramago, Orlanda Amarílis*. Ed. Tania Franco Carvalhal e Jane Tutikan. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999. 101-108.
- Rachman, Gideon. "How wars can be started by history textbooks." *Financial Times*. 17 de Março de 2014. Web. 22 de Junho de 2014.
- <http://www.ft.com/comment/columnists/gideonrachman>
- Reis, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.
- Saramago, José. *Manual de Pintura e Caligrafia*. São Paulo: Moraes Editores, 1977.
- *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho, 1986.
- *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991.
- *A Viagem do Elefante*. Lisboa: Caminho, 2008.